

## ALÉM DO FATO: A REINVENÇÃO DO MALANDRO

*MICHEL MISSE\**

Em certos contextos, posso gostar de ser chamado de malandro. Elogiam minha astúcia, minha esperteza, o que pode ser positivo em certas situações. É comum hoje em dia eu desejar ser chamado de malandro. Em outros momentos, no entanto, posso odiar ou reagir a que me chamem assim. Dependendo do tom e da situação, posso até achar que me xingam, que me recriminam. Essa ambivalência é uma das principais características não apenas do uso da expressão em diferentes situações sociais mas do próprio tipo social a que ela faz referência. O que é malandro? O significado é sempre o mesmo, em qualquer situação social? Na história social do Rio de Janeiro, o seu uso sempre fez referência à mesma figura, ao mesmo tipo de personagem? Ou será que a ambivalência do malandro acompanha também suas metamorfoses no tempo e no espaço sociais?

No passado mais longínquo, na segunda metade do século 19, malandro não tinha praticamente qualquer significado positivo, a não ser para o seu próprio meio social. Malandro significava duplamente vadio, vagabundo e vigarista, larápio. A duplicidade construía-se por oposição à valorização do trabalho como valor central da civilização burguesa. Acontece, no entanto, que no Brasil a dignidade do trabalho entrava em contradição com o escravismo, com o fato de que aqui o trabalho era coisa indigna, coisa de escravo. Como na visão aristocrática, que nunca reconheceu qualquer dignidade ao trabalho, constituía-se assim um lugar a partir do qual podia-se renegar o trabalho em nome de uma superioridade do indivíduo frente ao rebanho de escravos e trabalhadores livres ou burgueses. Foi nesse lugar que o malandro negativo se travestiu em malandro positivo. Mas o malandro pobre – que continuava sendo encarcerado pela polícia por vadiagem – jamais pôde usufruir a dignidade de não-trabalhar como acontecia com o vadio rico. E assim, pelo menos nas delegacias e tribunais, o “barão da ralé” jamais pôde competir em direitos civis com os barões do café.

Após a perseguição aos capoeiras na última década do século 19, o Rio conheceu mais uma reviravolta no significado de malandro, com a crescente atribuição da expressão aos primeiros sambistas e artistas populares. Diferenciava-se assim o malandro de antanho em dois tipos: o malandro-valente, herdeiro dos capoeiras, que continuava acautelado no morro, e o malandro-artista, boêmio, mulherego e jogador, que começa a freqüentar as rádios e a aparecer com um certo ar de superioridade

confirmada pela popularidade de suas músicas. Noel Rosa, que assistiu a tudo isso, escreveu crônica em que repudiava a idéia de que o malandro desaparecera. Argumentava que o malandro se transformara. O mesmo processo ocorreu nas décadas seguintes e segue até hoje.

Nos anos 50 a expressão malandro começa a ganhar nítida conotação positiva e a ser usada em meios sociais que antes a repudiava. O malandro-artista e boêmio impõe-se ao malandro valente. Em compensação, o atributo negativo reforçava-se cada vez mais em outra expressão, que não existia antes, e que não vai mais chamar o valente nos morros de malandro, mas de marginal. A oposição entre marginal, de um lado, entendido como um sujeito grosseiro, estúpido, bandido – e malandro de outro lado, agora interpretado como um sujeito boa-praça, que veste terno de linho branco S-120, é uma criação cultural carioca do fim dos anos 50. A figura do Zé Pelintra, uma entidade de Exu na umbanda, se fixa por essa época e preserva toda a ambivalência que o malandro ganhou na trajetória histórica de suas metamorfoses sociais.

Anuncia-se a cada década o fim do malandro. Como Noel Rosa nos anos 30 e Chico Buarque nos anos 70, creio que o malandro continua transformando-se. Está no Congresso Nacional e no Complexo do Alemão, como está fixado como tipo social e folclórico no balanço dos compositores populares e dos seus intérpretes eternos, como o grande Moreira da Silva – que dizia que não era malandro – e Bezerra da Silva, que atualizou sua figura, na Era do Tráfico, por oposição ao Zé Mané. O que está talvez desaparecendo é o tipo social fixado nos anos 50, que não usa mais linho S-120. Em seu lugar, uma camisa de seda ou um tênis Nike pode funcionar melhor.

*\*Sociólogo e coordenador do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana da UFRJ.*